

# Notícias de Guimarães

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ANO 19.º N.º 956

GUIMARÃES, 28 de Maio de 1950

Redacção e Núm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4913

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4581

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

## Uma resposta

De um vimaranense inteligente e culto, a quem o progresso de Guimarães não é indiferente, recebemos o bilhete que passamos a transcrever, omitindo apenas umas duas palavras de lisonjeira cortesia para nós:

«9-5-950. Meu amigo: Mais um artigo e... Nada! Outros virão, como promete, mas diga aos tipógrafos que não desfaçam a composição da epigrafe, que tanto poderá continuar a servir para o meu Amigo defender a Penha, como para a defesa dos Paços do Concelho, ou da estátua de Afonso Henriques, ou do Palácio da Justiça, ou da Ponte de Donim, etc., etc. Nada, nada, nada, três vezes nada. Deixemos lá o apoio «valioso» daqueles que são os próprios esbarrondadores da estrada. Deixemo-los lá esbarrondar as fortíssimas molas dos seus camiões gigantes, a ver se perdem a mania e se principiam também a protestar os mesmos destruidores dos penedos contra a própria destruição, por se tornar impossível o transporte da pedra, a não ser por avião ou à cabeça, como é voz corrente que faziam os mouros na construção das suas muralhas. De resto, está provado que quanto mais o amigo teima, pior.

Não concordamos, nem desistimos.

O nosso dever de vimaranense é continuar, e cumprir-lo-emos,

Demais, o ilustre conterrâneo que nos escreve está enganado. Mostrámos no artigo que lhe mereceu as suas observações que *nada* de concreto, de visível e prático conseguimos ainda quanto ao muito que é preciso fazer pela Penha; mas, ao escrevê-lo, não estávamos nem estamos convencidos de que o nosso esforço tenha sido completamente inútil. É possível, é mesmo muito provável, que ainda nada se tenha executado; mas há-de-se vir a fazer tudo, temos a certeza disso, porque uma consequência, pelo menos, que é de capital importância, fatalmente tem de resultar da nossa luta e é a de que o público toma conhecimento dos factos, analisa-os, convence-se, as ideias radicam-se e propagam-se e, quando justas, acabam sempre por se tornar em realidades.

Quanto não ignoravam, ainda há pouco, porque nunca nisso tinham pensado, que a Penha, estância de turismo, afinal, ainda não existe? Aos próprios que dela mais têm cuidado, como se seus donos fossem, é possível que não lhes tivesse ocorrido que a primeira providência a tomar para garantir a Guimarães e ao País a usufruição de tão belo local, consiste em expropriá-lo, para que, de particular que é, se torne em domínio público. Os terrenos do local da Penha, tal como se encontram, pertencem a uma irmandade e a uma meia dúzia de particulares; qualquer destas entidades, ou todas, podem murá-los, transformá-los em praças de touros, ou matas de eucaliptos, explorá-los como pedreiras ou reservá-los para seu gozo exclusivo.

E, se não há quem venha para a Imprensa despertar e esclarecer a atenção dos vimaranenses, estes continuam a apatia letárgica em que há anos se encontram, completamente esquecidos dos seus direitos e deveres de cidadãos, os mais velhos e ignorando-os, absolutamente, os mais novos.

O vimaranense que nos escreveu e a quem estamos a responder é de uma destemida e alta envergadura moral a que alia uma sólida competência e forte autoridade para se impor ao respeito e ao acatamento dos seus conterrâneos. Não tem o direito de nos mandar calar, insinuando-nos o desânimo; pelo contrário, incumbe-lhe o dever patriótico de nos dar o vigoroso alento do seu estímulo. Em resposta à sua carta, convidamo-lo para que nos ajude, para que enfieire na lide a nosso lado. E tenha a certeza de que venceremos — *Por Guimarães!*

M.

## UT VIDEAM!

Ao Rev. Rector de Serzedelo, Sr. Pedro Joaquim Ferral de Silva, homenagem do muito apreço.

— Senhor, faze que eu veja! De nascença,  
Sem ter da vista a luz fagueira e linda,  
Quisera não morrer, sem ver ainda,  
Em frente a meu olhar, Tua presença.

Tu és o Filho de David! Imensa  
A Tua potestade. E a Tua vinda  
Eu esperei com alegria infinda,  
Guardando a Profecia em firme crença.

— Homem, salvou-te a Fé! A' vida,  
Por que não vivas torturado e só,  
Volte a retina morta e escurecida!

Ao cego diz Jesus, com doce calma.  
— Senhor, como fizeste em Jericó,  
Abre também os olhos da minha alma!

Abril de 1950.

MENDES SIMÕES.

## O VITÓRIA DE GUIMARÃES e o ESTÁDIO 28 DE MAIO

AOS EXCELENTÍSSIMOS MEMBROS DO GOVERNO E A TODAS AS ENTIDADES OFICIAIS QUE SE DESLOCAM AO MINHO, NESTE DIA DE SOLENE CUMPRIMENTO DUMA PROMESSA QUE É CONSOLADORA ESPERANÇA PARA OS ANSEIOS DOS DESPORTISTAS PORTUGUESES, O VITÓRIA SPORT CLUB APRESENTA AS SUAS RESPEITOSAS SAUDAÇÕES DE BOAS VINDAS.

AO POVO DA VETUSTA CIDADE VIZINHA, A TODOS OS SEUS DESPORTISTAS E, EM ESPECIAL, AO ILUSTRE BRACARENSE E DIGNO DEPUTADO PELO NOSSO CÍRCULO, EX.º SR. DR. ALBERTO CRUZ — FELIZ INSTIGADOR DESTA OBRA GRANDIOSA —, CORDIAIS E SINCERAS FELICITAÇÕES.

E AO GLORIOSO SPORTING CLUB DE BRAGA, POLO OPOSTO DUMA VELHA RIVALIDADE CONSTRUTIVA E EFICIENTE, FRATERNOS PARABÉNS POR VER REALIZADA A SUA MÁXIMA ASPIRAÇÃO.

GUIMARÃES, 28 DE MAIO DE 1950.

A DIRECÇÃO DO VITÓRIA SPORT CLUB.

## ETERNA LUTA Aspirações de Guimarães

Somos sempre insatisfeitos. Se brilha o sol, tudo se queima; se chove, tudo se estraga. Vivemos inconsolados e inconsoláveis. É, a propósito de todas as variedades atmosféricas, uma determinação de tristeza irresistível, que não conseguimos dominar, porque os nossos desejos variam, como elas, também constantemente.

Não podemos, como é óbvio, adoptar medidas que impeçam o sol de cintilar, e a chuva de cair. Que se pudéssemos, tudo estaria certo, porque tudo regularizariamos à nossa vontade. Seria o mais belo ideal realizado, a plena consagração do nosso querer, sem o menor estorvo, livre como o ar, feliz como uma independência que não admite a mínima contrariedade.

A natureza humana foi assim talhada e assim se conservará até ser extinta... E talvez por isso, e só por isso, sofreremos profundamente, perdendo-nos na voragem da existência sem encontrarmos a consolação a que aspiramos e pela qual lutamos sem cessar.

Depois surgem os que exploram as contingências a que somos naturalmente atreitos. Os que no vasto campo dos insofridos estendem a rede onde há-de cair o peixe que lhes assegurará o aumento das riquezas e a saciação da gula que não deixa de os tentar. As lamentações do próximo provocam-lhes a ganância. A queda dos sem-amparo servirá de auxílio para a sua ascensão às culminâncias do bem-estar e da abundância.

Fraco é o Maio que não rompe uma coroa... Qual! É demais, nem tanto, já choveu o necessário!

E não se sabe, afinal, se Maio chuvoso é útil ou prejudicial. Aquele dizer do povo deixou de ter valor. Já não tem aplicação proveitosa. Antes sol, porque o vinho desaparecerá e as batatas e o mais que a terra, a boa mãe, está criando, tudo em breve deixará de fornecer-nos aquilo de que estamos absolutamente carecidos.

Não se tem esperança no dia de amanhã. Por isso é que vivemos imersos numa dúvida permanente, dolorosa,

(Conclui na 4.ª página)

Sempre que encontramos qualquer oportunidade para nos referirmos às legítimas aspirações dos Vimaranenses, entendemos ser nosso dever não deixarmos de fazer referência a esse assunto. E porque assim o pensamos, mais uma vez nos encontramos em presença dessa oportunidade, razão por que subordinamos este ligeiro arazoado à epigrafe que o encima.

Com o devido respeito por qualquer opinião diferente da nossa, as aspirações dos Vimaranenses, dignos deste nome, não se limitam apenas aos restauros dos seus Monumentos Nacionais e ao Parque do seu histórico Castelo, mas compreendem outros melhoramentos para os quais não deverá deixar de ser pedido o valioso patrocínio do Estado, o qual, com certeza, não deixará de ser dispensado dentro do possível. Dizemos dentro do possível, porque somos os primeiros a reconhecer que o programa do Ressurgimento Nacional é muito vasto e muito completo e que, por isso mesmo, não é susceptível de atender todas as aspirações dos Portugueses, de uma única vez ou ao mesmo tempo. Mas embora

esta circunstância seja a expressão da verdade, não será crime pedir para Guimarães a concessão dos melhoramentos mais necessários e mais capazes de contribuir para o seu progresso e de a colocarem na categoria que a sua tradição histórica e o seu valor industrial e comercial lhe garantem. Evidentemente que não temos a pretensão de apoucar a patriótica intenção de serem restaurados os Monumentos Nacionais, mas somente desejamos acentuar na cidade e no concelho de Guimarães se tornam indispensáveis outras realizações, sem as quais o progresso desta terra não atingirá o nível de prosperidade que, por direito e por justiça, lhe compete. Há, por exemplo, um Hospital da Misericórdia em condições de satisfazer as principais necessidades do fim a que se destina tão prestimosa e tão humanitária Instituição de Assistência? Não! Há um Liceu e Escolas primárias da sede com as necessárias condições higiénicas e pedagógicas? Não! Há um Tribunal digno da função que no mesmo é exercida? Não! Há um edifício moderno e

(Conclui na 2.ª página)

## CURADA

Toda a gente lhe dizia que preferisse o rico Soares que belo Adolfo, de modo que ela, para não lutar e vendo quanto essa resolução alegraria a família, disse que sim.

Foi sem entusiasmo que escolheu os cetins e as rendas para o enxoval.

— Que dizes desta musselina para fazer umas saias de baixo?

— Está bem, mamã.

— Uma preta, outra salmão, com rendas e *trouton* no folho, ficarão lindamente, não achas?

— Sim. Como quiser.

E tudo desta forma.

A mãe enervava-se, mas nada dizia. Não se lhe podia exigir mais; bastava já que se não revoltasse.

Ricardo Soares, mais velho do que Marília uns dez anos, bondoso, compreensivo e paciente, se não estava convencido de que ela o amasse, tinha, porém, fé no futuro. Achava que a frase dos antigos «o amor vem depois», não era assim tão disparatada como hoje se diz.

O casamento foi luxuoso com discrição e a vida começou a correr como um riacho sem importância.

Nunca mais consentira que lhe falassem no Adolfo e se, por vezes, deparava com a página desportiva de qualquer jornal, logo a fechava, para não ver o seu nome.

Ora resolveram ir fazer uma viagem por mar. Pequena; só até Bordeus. Mas com aquela mania de fechar os jornais, não reparou que, no

## ROTARY E A IGREJA

Acabamos de ler no nosso colega *Notícias de Macau*, há dias chegado à nossa redacção, que em uma conferência distrital realizada há tempos em Cartagena (Colombia), o Arcebispo dessa Cidade, Rev.º Senhor D. José L. Umana, se pronunciou assim:

«No conocia yo a fondo esta institución; aun cuando habia leído algunas exposiciones sobre sus fines, no habia penetrado en la intimidad de ella.

«Hoy puedo decir que Rotary traduce admirablemente el pensamiento del Romano Pontífice, que es el pensamiento de la doctrina cristiana. Hay que resaltar la necesidad, la obligación que tiene los hombres de unirse por el vínculo del amor para cumplir la Ley que Dios impuso, que es la caridad.

«El otro concepto rotario con el qual estoy muy de acuerdo es que todos estamos en la obligación de trabajar por la Paz, como lo quiere el Papa, una paz fecunda en la justicia, en le reconocimiento del derecho que tiene la persona humana, en los derechos que tienen todos los países para vivir.

«Por eso yo me complace en reconocer en esta institución una organización altamente benéfica para los intereses morales y sociales de la humanidad».

«Voy a haceros una confesion: No han faltado prevenciones en contra del rotario, pero con lo que he leído sobre rotarismo, he hallado que estan completamente equivocados. Me ha servido asistir a esta reunion para quitarme esos prejuicios, para conocer que el Rotary no tiene otros ideales que servir al hombre movido por la caridad cristiana».

(Publicado no boletim do Rotary Club de Rosário (Santa Ré).





